

A motivação para a prática desportiva em escolares: implicações entre ensino diurno e noturno

<https://doi.org/10.11606/issn.1981-4690.2022e36173260>

Vinicius Machado de Oliveira*
Marcos Roberto Brasil*
Verônica Volski Mattes*
Pedro Henrique Iglesias Menegaldo*
Luiz Fernando Badaró*
Rafael Augusto Marques dos Reis*
Neidiana Braga da Silva Souza*
Schelyne Ribas**

*Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil.
**Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil.

Resumo

Este estudo teve como objetivo investigar e comparar a motivação esportiva entre escolares do ensino diurno e noturno. Participaram da pesquisa 222 escolares, de ambos os sexos, do ensino médio de duas escolas públicas da cidade de Guarapuava-PR. Para a verificação da motivação esportiva, foi utilizado o questionário Sport Motivation Scale (SMS). Após a coleta, os dados foram tabulados e submetidos a análises estatísticas inferenciais, bem como a análise teórica por meio da discussão com a literatura especializada. Posteriormente as análises, os resultados demonstraram que escolares do ensino noturno apresentam níveis motivacionais mais satisfatórios quando comparados com discentes do ensino diurno, indicando, portanto, que o estudo noturno não interfere negativamente na prática esportiva.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Educação Física; Ensino Noturno; Psicologia do Esporte.

Introdução

É sabido que o movimento é um dos principais fatores distintivos do gênero homo¹. Sem movimento, provavelmente, não teríamos alcançado o estágio civilizacional que partilhamos no contexto atual^{2,3}. Em outras palavras, se a milhares de anos atrás, nossos ancestrais não tivessem descido das árvores, adotado a postura ereta e liberado as mãos⁴⁻⁷, possivelmente não teríamos criado tudo o que o existe atualmente. Isto é, nossos antepassados, desde os tempos mais primevos, sentiram a necessidade de ampliar a sua movência, sendo por via dessa necessidade que nós, seres humanos, pudemos criar as diferentes práticas motrizes, incluindo um dos fenômenos sociais mais importantes da humanidade, a saber: o fenômeno esportivo.

O esporte é sem dúvida umas das práticas

motrizes mais expressivas já inventadas pelo homem moderno⁸. Em síntese, trata-se de um fenômeno social plural e polissêmico, podendo possuir diferentes formas e significações atribuídas pelos agentes sociais⁹. Com efeito, não se refere a uma prática banal ou esvaziada de sentido, pelo contrário, sua expressão é repleta de prerrogativas biopsicossociais. Tal por isso o esporte alcançou destaque nos quatro cantos do planeta, evidenciando-se como prática globalizada ou, por assim dizer, cosmopolita. Em face do peso funcional que o esporte adquiriu em nossas sociedades^{10,11}, essa atividade motriz tem se feito presente na vida dos indivíduos desde a mais tenra idade, constituindo um cenário social em que o envolvimento com as práticas esportivas tem ocorrido, quando tratamos do indivíduo e o

seu processo de desenvolvimento, ainda na fase infantil. De acordo com CAGIGAL¹² e PARLEBAS¹³, o esporte tem fundamental importância na vida das crianças e adolescentes, pois essa prática, em sua essência, pode contribuir para a formação ou reestruturação da personalidade dos indivíduos. Em vista disso, não deveria haver motivos para polemizar ou descaracterizar a prática do esporte na escola, principalmente quando o assunto é muitas das vezes reduzido às questões do esporte espetáculo, esporte rendimento, ou às imbricações do esporte com o capitalismo^{12,13}.

Sabendo da importância do esporte no tecido social para os indivíduos, assim como à proporção que esse fenômeno tomou no mundo globalizado, sua prática tornou-se um grande escopo de investigação para diferentes áreas científicas. Dentre essas áreas, pode-se mencionar a “Psicologia do Esporte”, campo científico que nas últimas décadas não tem medido esforços em buscar compreender os porquês de o esporte despertar tanto fascínio nos indivíduos. Nesse sentido, além de procurar entender as razões ou fundamentos que influem nessa dinâmica do indivíduo em relação ao esporte, o campo da Psicologia também tem objetivado imprimir soluções para melhor explorar os benefícios da prática. É nesse quadro que se insere o estudo da motivação esportiva.

Em uma breve digressão pela literatura, verifica-se que o estudo da motivação esportiva tem sido bastante desenvolvido no campo acadêmico¹⁴⁻¹⁸, em especial com a pretensão de identificar as razões pelas quais as pessoas procuram se envolver com o esporte e, posteriormente, se for o caso, pensar em intervenções que criem climas motivacionais mais aderentes à prática. Contudo, em que pese o aumento do número dessas pesquisas, a grande maioria tem se concentrado em investigar o esporte a nível competitivo, fazendo com que estudos direcionados a locais que não sejam de rendimento tornem-se um campo ainda pouco explorado, principalmente quando referimo-nos ao ambiente escolar. Dessa forma, a escola pode se tornar um palco profícuo de investigação, uma vez que esse espaço é um dos primeiros locais onde as crianças estabelecem contatos iniciais com o campo esportivo.

Nesta lógica, parte-se do seguinte entendimento: se a intenção é formar indivíduos mais aderentes

às práticas esportivas, visto os benefícios dessas atividades motrizes nos processos de desenvolvimento humano, incluindo os aspectos biopsicossociais, não seria coerente potencializar o papel da escola nesse processo, sobretudo por via do campo da Educação Física, disciplina responsável por estimular as crianças e jovens a desenvolver o apreço pelo se-movimentar? Cabe relembrar também que muitos atletas têm sua identidade esportiva iniciada dentro das escolas, tendo suas habilidades lapidadas, obviamente, em locais específicos de prática *a posteriori*. Nessa linha de raciocínio, reconhecida a relevância do esporte na vida social, e estando suas manifestações inseridas dentro do contexto escolar através das aulas de Educação Física, conseguimos vislumbrar um vasto campo de possibilidades investigativas que demandam um olhar diligente da comunidade científica dada à diversidade social encontrada na esfera escolar.

Dentro desse contexto, investigar a motivação esportiva, grosso modo, pode funcionar como um termômetro para verificar se a disciplina de Educação Física tem cumprido com a sua finalidade primária na escola, que é ensinar os indivíduos a se-movimentar e estabelecer laços prazerosos e duráveis com alguma prática motriz de interesse¹⁹. Dito isso, é no lastro desse entendimento que reside o problema da presente pesquisa, a saber: será que escolares do período noturno (considerando somente àqueles do ensino médio) possuem níveis motivacionais esportivos equivalentes aos escolares que frequentam a escola no período diurno? Diante dessa inquietude, a hipótese aventada é a de que alunos do ensino noturno não conseguiriam preservar bons níveis de motivação em virtude das várias barreiras micros e macrosociais vivenciadas no cotidiano, tais como trabalho, manutenção familiar, baixa renda, gravidez precoce, dificuldade de aprendizado, falta de tempo, cansaço, evasão escolar, dentre outras limitações documentadas na literatura²⁰⁻²⁴. Tais aspectos, como bem mapeado por pesquisadores, poderiam limitar o interesse dos escolares não só as aulas de Educação Física como também ao esporte propriamente dito. Nestes termos, com o estabelecimento do problema e da hipótese do estudo, o presente empreendimento teve como desiderato investigar e comparar a motivação esportiva entre escolares do ensino médio diurno e noturno.

Método

Caracterização da pesquisa e cuidados éticos

A pesquisa aqui socializada se configura no âmbito dos estudos de cunho transversal por via de abordagens descritivas, quantitativas e teóricas^{25,26}. Descritiva porque descreve os fenômenos observados em relação ao objeto; quantitativa porque trabalha com incursões numéricas e análises estatísticas; e teórica porque interpreta os resultados à luz da biografia presente na literatura, sobretudo, em comunicação com o campo da Educação Física, Psicologia do Esporte, Sociologia e Educação, uma vez que o estudo perscruta a realidade de adolescentes no contexto escolar.

Preliminarmente, é oportuno mencionar que a pesquisa foi submetida à apreciação de comitê de Ética e aprovada pela Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO), sob parecer 487.685/2013 – CAAE: 23127713.8.0000.0106. Ademais, cabe sublinhar que, como o estudo foi realizado com escolares, a pesquisa está em consonância com os preceitos da Declaração de Helsinque, bem como de acordo com as regulamentações da resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) no que se refere às pesquisas com seres humanos.

Caracterização da amostra

Para a realização da pesquisa, participaram 222 escolares do ensino médio (1º ao 3º ano) do município de Guarapuava-Paraná-Brasil. Desse total, 111 alunos estavam matriculados no ensino regular matutino e 111 no período noturno. Ambos os grupos eram constituídos de escolares do sexo feminino e masculino. A composição da amostra foi estabelecida

por conveniência, mediante a voluntariedade das escolas e dos participantes. A TABELA 1, a seguir, expressa o número de participantes em relação à idade, escolaridade e sexo. Os dados são expressos em frequências absolutas e relativas, bem como por médias e desvio-padrão para a variável idade.

Instrumentos de medida e procedimentos da coleta de dados

Em primeiro lugar, para a realização da pesquisa, foi estabelecido contato com o núcleo de educação do município de Guarapuava-PR. Uma vez autorizada a realização do estudo, os pesquisadores se dirigiram a duas escolas públicas da cidade. Após a explicação dos objetivos e os procedimentos de pesquisa aos diretores das escolas, foi permitida a realização das coletas. Na sequência, com a devida autorização, os pesquisadores selecionaram os escolares conforme a voluntariedade para responder o instrumento. Nessa esteira, a aplicação do questionário foi realizada no início das aulas da disciplina de Educação Física.

O instrumento mobilizado para a investigação da motivação esportiva foi o questionário Sport Motivation Scale (SMS) de PELLETIER et al.²⁷ (1995) validado para a língua portuguesa e socializado na revista Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (RBEFE) por COSTA e colaboradores²⁸. O questionário é composto por 28 itens que visam avaliar a motivação esportiva em relação à sete subescalas motivacionais, que variam de dimensões intrínsecas e extrínsecas de motivação a desmotivação propriamente dita (QUADRO 1).

TABELA 1 - Caracterização da amostra.

| | Diurno | | | Noturno | | | p |
|---------------------|--------|-------------------|------------------|-----------------|-------------------|---------------|---------------|
| | n | média (DP) | | n | média (DP) | | |
| Idade | 111 | 15,64 ± 1,12 anos | | 111 | 17,02 ± 1,84 anos | | 0,000* |
| Sexo | n(f) | Feminino | Masculino | Feminino | Masculino | | |
| | | 58 (52,3%) | 53 (47,7%) | 58 (52,3%) | 53 (47,7%) | | |
| Escolaridade | n(f) | 1º ano | 2º ano | 3º ano | 1º ano | 2º ano | 3º ano |
| | | 46 (41,4%) | 27 (24,3%) | 38 (34,2%) | 46 (41,4%) | 27 (24,3%) | 38 (34,2%) |

Nota: (*) Diferenças estatisticamente significativas entre grupos (p≤0,05) para o Teste T de Student.

QUADRO 1 - Dimensões motivacionais e itens do SMS.

| Nome da dimensão | Questões |
|---|----------------|
| “Motivação Intrínseca para Conhecer” (MI-C) | 2, 4, 23 e 27 |
| “Motivação Intrínseca para Atingir Objetivos” (MI-AO) | 8, 12, 15 e 20 |
| “Motivação Intrínseca para Experiências Estimulantes” (MI-EE) | 1, 13, 18 e 25 |
| “Motivação Extrínseca de Regulação Externa” (ME-RE) | 6, 10, 16 e 22 |
| “Motivação Extrínseca de Introjeção” (ME-I) | 9, 14, 21 e 26 |
| “Motivação Extrínseca de Identificação” (ME-ID) | 7, 11, 17 e 24 |
| “Desmotivação” (DES) | 3, 5, 19 e 28 |

Fonte: Adaptado de PELLETIER et al.²⁷ e COSTA et al.²⁸

Para cada questão do instrumento, os respondentes podem atribuir valores em uma escala tipo “Likert”, que varia de 1 a 7 pontos de acordo com a sua motivação. Em síntese, cada valor está associado a um grau de concordância com a resposta, dividido da seguinte forma: [1 ponto]: não corresponde nada; [2 e 3 pontos]: corresponde um pouco; [4 pontos]: corresponde moderadamente; [5 e 6]: corresponde muito; [7]: corresponde exatamente. Para a opção que possui até dois valores, o respondente escolhe o valor de acordo com o seu nível motivacional, assim, quanto mais próximo de 7, maior a motivação referente à dimensão avaliada. Para a escala de desmotivação é oportuno salientar que a cotação é inversa, ou seja, quanto mais perto de 1, menor é a desmotivação do respondente.

Em relação à cotação do instrumento, para se obter o nível de motivação das subescalas, basta apenas utilizar o valor relatado em cada um dos itens, somá-los e dividi-los pelo número de questões correspondentes à escala (QUADRO 1), chegando, portanto, ao valor médio da dimensão. Desse modo, por via dessa cotação é possível não só identificar as principais razões para a prática desportiva, como também a intensidade da motivação.

Análise estatística

Posteriormente à coleta, os dados foram tabulados em planilha Excel e transportados

para o software *Statistical Package for Social Science* (SPSS) versão 25.0. Com as informações cadastradas no SPSS, por via do teste *Kolmogorov-Smirnov*, verificou-se que os dados não possuíam comportamento simétrico, portanto, mobilizou-se a estatística de caráter não paramétrico. Nesse contexto, para a realização das comparações entre os escolares do ensino noturno e diurno foi realizado o teste de *Mann Whitney*. Para essa análise, optou-se pela apresentação dos resultados através das medianas e intervalos interquartílicos.

Cabe pontuar que alguns dos resultados foram expressos em frequência absoluta e relativa, médias e desvio padrão, valendo-se de gráficos e tabelas. Por fim, com intuito de continuar verificando as intensidades motivacionais entre os escolares do ensino diurno e noturno, foi realizada uma classificação sugerida para a motivação. Frente a essa análise, estratificou-se a motivação em três níveis de acordo com a motivação média das subescalas intrínsecas e extrínsecas: [motivação baixa]: escore entre 0 até 2,33; [motivação moderada]: escore entre 2,34 até 4,66; [motivação alta]: escore entre 4,67 a 7,00. Por via dessa classificação sugerida foi possível verificar o nível motivacional dos escolares, bem como as eventuais associações entre o tipo de ensino e motivação por via do teste *Qui-Quadrado* (χ^2). O índice de significância adotado para todos os testes foi de $p < 0.05$.

Resultados

Como discorrido na metodologia, um dos primeiros dados que foram coletados durante a aplicação do questionário foi em relação à modalidade esportiva praticada pelo escolar. Nessa esteira, por meio do esporte relatado, pôde-se identificar o universo das atividades motrizes entre os escolares. Os dados referentes a essa análise são apresentados a seguir por meio de frequência absoluta, estando estratificados de acordo com o período de ensino (FIGURAS 1 e 2).

Analisando os dois gráficos em paralelo, verifica-se que em ambas as situações, independente do período de ensino, há uma predominância dos esportes coletivos, em especial para as modalidades de Voleibol e Futsal, as quais na presente análise evidenciaram-se de forma majoritária no quadro de práticas mencionadas pelos discentes. Em contramedida, em que pese à predominância dessas modalidades – diga-se de passagem, tradicionais nas escolas – também foi observado um universo de condutas motrizes que considera, inclusive, a prática de esportes que costumeiramente são praticados fora do contexto escolar. Nesse sentido, se levado a efeito a comparação dos grupos, é interessante perceber que os discentes do ensino noturno evidenciaram uma diversidade maior de práticas esportivas em relação aos alunos do período diurno.

Na continuidade das coletas, após mencionar a modalidade de interesse, os alunos responderam os itens do questionário demarcando o nível motivacional para a sua prática. Com efeito, por via das respostas, oportunizou-se verificar o nível motivacional para cada uma das dimensões

mensuradas pelo instrumento, permitindo identificar não somente as pretensões e as razões pelas quais os escolares praticam esportes, como também a origem dessas motivações, considerando sua natureza intrínseca ou extrínseca. Os resultados são expressos na FIGURA 3, por meio dos escores motivacionais médios.

Conforme é possível observar no gráfico em tela, os escolares do ensino noturno evidenciaram níveis motivacionais elevados para todas as escalas do instrumento, denotando uma maior motivação tanto na esfera intrínseca como extrínseca. Ao observar a amplitude das dimensões, é interessante notar que o comportamento foi bastante similar entre os grupos, em que pese, é lógico, as diferenças das médias. Outro aspecto relevante refere-se a “MI Experiências Estimulantes”, escala que apresentou o maior escore entre os escolares (noturno: $4,73 \pm 1,57$; diurno: $4,45 \pm 1,33$). Na sequência, destaca-se a “MI para Atingir objetivos” (noturno: $4,69 \pm 1,58$; diurno: $4,18 \pm 1,51$) além da “MI para Conhecer” (noturno: $4,42 \pm 1,64$; diurno: $4,16 \pm 1,48$).

De modo geral, por via do gráfico 3, fica nítido que independentemente de haver diferenças nas médias na comparação entre os grupos, em ambos, ficou demonstrado que as dimensões relativas à identidade motivacional intrínseca foram proeminentes entre os escolares. Em síntese, o gráfico em questão é revelador, no entanto, não expressa se as diferenças são estatisticamente significativas. Diante disso, a análise inferencial é socializada na tabela a seguir por meio do teste de *Mann Whitney* (TABELA 2).

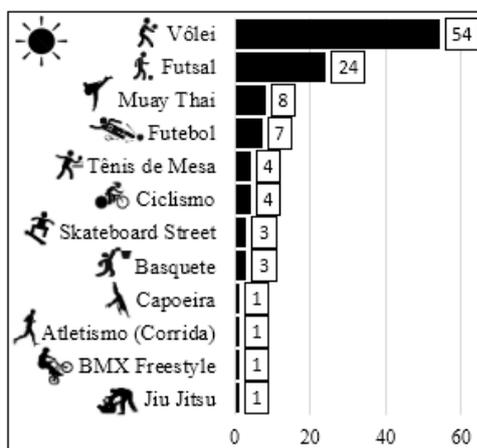


FIGURA 1 - Modalidades esportivas relacionadas pelos escolares do período diurno.

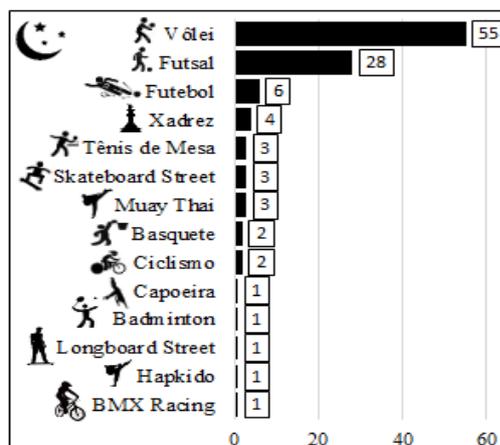


FIGURA 2 - Modalidades esportivas relacionadas pelos escolares do período noturno.

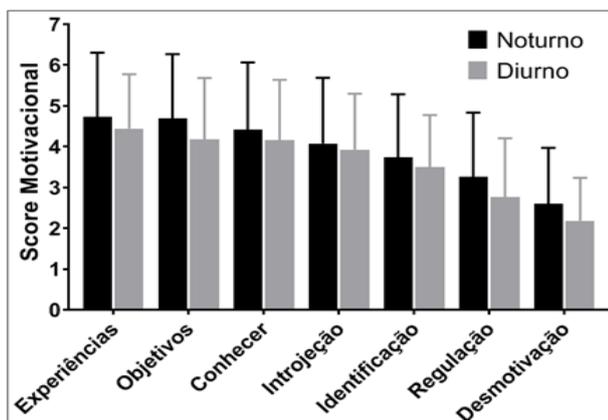


FIGURA 3 - Nível motivacional para a prática esportiva entre os escolares.

TABELA 2 - Comparação da motivação esportiva em relação ao tipo de ensino.

| Variáveis | Diurno | | Noturno | <i>p-valor</i> |
|-----------------|------------------|--|------------------|----------------|
| | Mediana (Q1-Q3) | | | |
| Desmotivação | 2,25 (1,25-2,75) | | 2,50 (1,50-3,50) | 0,030* |
| Regulação | 2,50 (1,50-3,75) | | 2,75 (2,00-4,25) | 0,014* |
| Identificação | 3,25 (2,50-4,50) | | 3,75 (2,50-4,75) | 0,294 |
| Introjeção | 3,75 (2,75-5,00) | | 4,00 (2,75-5,25) | 0,585 |
| Conhecer | 4,00 (3,00-5,25) | | 4,75 (3,00-6,00) | 0,164 |
| Objetivos | 4,25 (3,00-5,25) | | 4,75 (3,50-6,00) | 0,012* |
| Experiências | 4,50 (3,25-5,50) | | 5,00 (3,50-6,00) | 0,081 |
| Mot. Intrínseca | 4,17 (3,17-5,33) | | 4,75 (3,42-5,67) | 0,039* |
| Mot. Extrínseca | 3,17 (2,42-4,33) | | 3,42 (2,75-4,75) | 0,137 |

Nota: Intervalo Interquartilico (25-75), (*) Diferenças estatisticamente significativas entre grupos ($p \leq 0,05$) para o teste Mann Whitney.

Ao submeter as escalas motivacionais na comparação entre os dois grupos, identificou-se diferenças estatisticamente significativas para a “ME Regulação Externa” (0,014*) e para a “MI para Objetivos” (0,012*), sendo ambos resultados superiores entre os discentes do período noturno. Outra escala que se evidenciou significativamente elevada entre os estudantes no ensino noturno foi em relação à variável desmotivação (0,030*), comportamento que chama atenção, uma vez que os escolares do período noturno deveriam apresentar escores mais baixos para essa escala,

tendo em vista a melhor condição nas outras variáveis investigadas.

Ainda explorando os dados da tabela 2, vale destacar que no agrupamento das dimensões intrínsecas, a análise também demonstrou superioridade entre os escolares do âmbito noturno. Nessa mesma esteira, a fim de continuar testificando com mais rigor essas eventuais diferenças, aprovou também submeter os dados a uma classificação sugerida para a motivação. Essa análise é apresentada logo a seguir e é expressa por meio de frequências absolutas e relativas (TABELA 3).

TABELA 3 - Classificação da motivação esportiva de acordo com o tipo de ensino.

| Classificação | Diurno | | Noturno | |
|--------------------|------------|-------------|------------|-------------|
| | n | % | n | % |
| Motivação Baixa | 10 | 9,0% | 6 | 5,4% |
| Motivação Moderada | 71 | 64,0% | 68 | 61,3% |
| Motivação Alta | 30 | 27,0% | 37 | 33,3% |
| Total | 111 | 100% | 111 | 100% |

Embora o teste de *Qui-Quadrado* não tenha revelado associações significativas entre o tipo de ensino e a classificação motivacional (X^2 : 0,407), ainda sim, percebe-se que entre os escolares do ensino noturno existe uma prevalência para a motivação considerada alta (diurno: 27%; noturno: 33,3%). Com efeito, de maneira contrária, é oportuno mencionar que no

contexto noturno foram identificados menos alunos vinculados a uma baixa motivação (diurno: 9,0%; noturno 5,4%). Ainda que as diferenças tenham se evidenciado modestas, os resultados colocam em xeque à hipótese inicial do estudo, qual seja, de que escolares do ensino noturno seriam menos motivados para a prática desportiva.

Discussão

Não há dúvidas que o esporte teve e tem grandes contribuições para o desenvolvimento das sociedades e dos seres humanos. Para além da flexibilização das pulsões humanas como bem estabelecido por ELIAS e DUNNING²⁹, o esporte, em particular na vida das crianças e adolescentes, se elenca como um ambiente criado para o exercício mimético das relações sociais³⁰, constituindo-se em uma atividade motriz que possui na sua essência elementos que podem levar os indivíduos, em fase de formação, à descoberta e à construção de aspectos da sua personalidade³¹⁻³⁴. Não obstante, é óbvio, que o esporte não se limita apenas ao âmbito social e psicológico, suas prerrogativas, com efeito, se estendem também, em grande medida, ao campo da saúde, estando esses benefícios bem documentados na literatura especializada³⁵⁻³⁹.

Não alheios às contribuições do esporte e das diferentes práticas motrizes de divertimento e lazer situam-se os indivíduos, que num contexto de segunda modernidade^{40,41} e destradicionalização da vida social⁴² tem pleno conhecimento que o se-movimentar humano opera como uma espécie de antídoto face aos efeitos colaterais do sedentarismo, um dos subprodutos das sociedades pós-industriais^{12,43}. No entanto, não se trata de um uso utilitarista do se-movimentar, pelo contrário, as pessoas praticam atividades esportivas porque atribuem diferentes significados à prática¹⁹, por isso identifica-se um universo de condutas motrizes, que são mobilizadas e criadas constantemente de acordo com os interesses individuais de cada ator social. Prova incontestada dessa relação foi observada no presente estudo, o qual revelou uma grande variedade de práticas esportivas entre os escolares (FIGURAS 1 e 2).

Embora as atividades de cunho coletivo, em particular as modalidades de Voleibol, Futsal e Futebol tenham se sobressaído em relação às demais práticas, identificou-se que os escolares também estão buscando outras atividades para além daquelas tradicionalmente vivenciadas no terreno da Educação Física escolar. Sabemos que as práticas supracitadas, por questões

culturais, estão bastante imbricadas no tecido social brasileiro, sendo, inclusive, as mais praticadas entre os jovens em solo nacional segundo os dados do próprio Diagnóstico Nacional do Esporte (Diesporte)⁴⁴. Ainda que tais modalidades estejam na hierarquia dos esportes no Brasil, esse fato não inviabiliza a tese de que as pessoas estão se engajando em outras práticas desportivas. Nessa esteira, chama-se atenção para os escolares do ensino noturno, os quais se notabilizaram por um quadro ainda mais extenso de atividades motrizes quando comparado com os estudantes no ensino regular diurno. Esse resultado é bastante intrigante, na medida em que se esperava constatar uma realidade contrária, dada as dificuldades partilhadas pelos estudantes do ensino noturno, sobretudo no que concerne o fator tempo²⁰⁻²², que pode ser um impeditivo não só para prática esportiva regular como também para a própria permanência dos estudantes no contexto escolar.

Como se sabe, dentre os vários motivos macrosociais e microsociais que impelem os escolares a migrarem para o ensino noturno, está a necessidade de trabalhar^{20,22-24}. Essa condição é um dos aspectos que mais consomem tempo dos discentes, que somado a outras ocupações da vida social, poderiam limitar a participação contínua em atividades de lazer ou esportivas. Tal por isso, os resultados deste estudo chamam a atenção, pois vão na contramão da hipótese aventada. Mas não só isso, além dos estudantes do ensino noturno indicarem uma maior variabilidade de esportes, ao responder o instrumento, eles evidenciaram também uma maior motivação para a prática desportiva (FIGURA 3, TABELA 2), o que tornou os resultados obtidos ainda mais instigantes.

Em linhas gerais, A FIGURA 3 demonstra claramente maiores amplitudes de motivação para os escolares do ensino noturno. Todavia, em que pese essas diferenças, é importante ressaltar que, para ambos os grupos analisados, observou-se uma maior

correspondência para as dimensões motivacionais compreendidas como intrínsecas. Isto é, os dados sinalizam que os estudantes, em sua maioria, constroem a sua relação com o desporto mais por interesses pessoais do que por recompensas externas provenientes da prática^{15,16,45,46}. Em outras palavras, estar intrinsecamente mais motivado permite que o indivíduo estabeleça conexões íntimas com a prática propriamente dita⁴⁷⁻⁴⁹.

É justamente no lastro dessa motivação que se identificou a subescala “MI Experiências Estimulantes” como o principal conjunto de razões para a prática desportiva entre os escolares (FIGURA 3). Em resumo, esse tipo de motivação está associado a busca pelo prazer, excitação, alegria, euforia, divertimento, sentimentos esses que podem ser alcançados por meio da prática^{45,50-52}. Nessa mesma direção, destaca-se também a “MI para Atingir Objetivos” que aparece como a segunda dimensão com maior relevo entre os estudantes. A respeito desse domínio motivacional, cabe ressaltar que indivíduos que revelam níveis elevados para essa dimensão estão mais predispostos a sentir prazer e satisfação pessoal ao dominar novas técnicas ou habilidades associadas à modalidade esportiva de interesse^{52,53}. Por conseguinte, se os escolares estão intrinsecamente mais motivados, logo, o interesse para aprender e aumentar o conhecimento sobre o esporte praticado se notabiliza^{17,27,54}, e não por acaso a “MI para Conhecer” se elencou como a terceira principal motivação.

Ainda a respeito da motivação intrínseca, ao levar a cabo as comparações entre os escolares, constatou-se que esse tipo de motivação foi significativamente preponderante para os jovens do ensino noturno (TABELA 2). Ou seja, no agrupamento das subescalas intrínsecas, os escolares desse período demonstram-se mais motivados, especialmente para a dimensão “MI para Atingir Objetivos”. Não obstante, para além do contexto intrínseco, é importante acentuar que os discentes das classes noturnas esboçaram uma melhor motivação para todas as dimensões, inclusive para as extrínsecas, em particular para a “ME Regulação Externa” que diferiu estatisticamente entre os grupos. Nesse caso, os estudantes do ensino noturno apresentaram uma preocupação um pouco mais saliente para influências externas à prática, embora se deva frisar que tais motivações se configuraram entre os menores para ambos os grupos (FIGURA 3). Ademais, o fato de o grupo noturno ter apresentado uma amplitude maior para a escala de desmotivação, isso não configura uma possível falta de interesse pela realização das atividades esportivas, ao contrário, a própria euforia, grosso

modo, em sinalizar bons níveis motivacionais podem ter induzido alguns do grupo a interpretar os itens da subescala “amotivação” de forma enviesada. Por sinal, vale destacar que a desmotivação se refere à ausência de motivos intrínsecos e extrínsecos^{46,55}, o que não é o caso dos grupos aqui estudados, principalmente entre os alunos do ensino noturno.

Em suma, por via dos resultados pôde-se constatar que níveis motivacionais elevados se encontravam nos escolares do ensino noturno. Curiosamente, quando levado a efeito uma classificação sugerida para estratificar os grupos quanto à sua motivação, observou-se uma quantidade maior desses discentes classificados com uma motivação alta, em que pese, não tenham sido identificadas associações significativas entre o tipo de ensino e a classificação de motivação (TABELA 3). Não obstante, essa falta de associação significativa não invisibiliza o fato de que os escolares do ensino noturno denotaram maior interesse para a prática desportiva em termos motivacionais.

Como dito anteriormente, os resultados são muito intrigantes, pois mesmo em condições menos favoráveis para a prática de esportes, os discentes matriculados no período noturno evidenciaram intensidades mais elevadas de motivação. Outro ponto a ser considerado é o fato desses estudantes serem significativamente mais velhos que o grupo do ensino diurno (TABELA 1). Geralmente quando a idade vai avançando, algumas dimensões da motivação podem ser arrefecidas, como observado em várias pesquisas que colocaram a variável idade em análise^{14,16,18,56,57}. No entanto, esse comportamento em relação à idade não foi observado no presente estudo.

Em resumo, ao menos para a realidade investigada aqui, o ensino noturno não se mostrou como uma barreira para a motivação esportiva, o que colocou em xeque a suspeita inicial do estudo de que escolares do período noturno pudessem apresentar níveis reduzidos de motivação, por conta das limitações e das obrigações sociais, pois como se sabe, à medida que os indivíduos vão ficando mais velhos e vão avançando em seu processo civilizador individual³, especialmente em cenários de incertezas e riscos autofabricados gerados pela segunda modernidade^{40,41}, as responsabilidades e as pressões sociais não só se intensificam como também se complexificam⁵⁸. Por isso, em grande medida, tais resultados surpreendem.

Embora não seja possível determinar com clareza os motivos pelos quais se verificou uma maior motivação esportiva entre os alunos do ensino noturno, é

possível depreender algumas razões. Um primeiro aspecto que poderia ser elucidado se dá em relação ao clima motivacional das aulas de Educação Física. Se a hipótese de que alunos que estudam à noite tem menos tempo para se envolver com atividades esportivas é verdadeira, logo, as aulas de Educação Física se elencariam como único momento disponível para o envolvimento com essas práticas motrizes, o que poderia superestimar o valor das aulas. Todavia, como se observou, os alunos do ensino noturno relataram

também práticas esportivas realizadas fora do âmbito escolar, o que levaria a elucubração do segundo aspecto que seria o fator econômico. Isto é, pelo fato de que alguns desses discentes possuem atividades profissionais, esses poderiam ter melhores condições financeiras para investir e organizar suas práticas esportivas e, por assim dizer, ter uma aproximação mais íntima com a sua atividade motriz de interesse. Em síntese, essas duas circunstâncias podem ter sido influentes nos resultados aqui encontrados.

Considerações Finais

Após investigar o efeito da motivação esportiva em escolares do ensino médio, os resultados indicaram que o período em que o aluno estuda parece não afetar os níveis de motivação. Inicialmente, se tinha como hipótese que escolares do ensino noturno pudessem apresentar níveis motivacionais arrefecidos em função das responsabilidades vivenciadas por esses jovens no cotidiano social. Contudo, como verificado, essa conjectura foi diluída, uma vez que esses estudantes não só evidenciaram níveis motivacionais satisfatórios para a prática do desporto como também melhores em comparação com os alunos do ensino diurno. Isto é, mesmo diante de eventuais barreiras, tais escolares esboçaram maior conexão com o esporte, seja por via das aulas de Educação Física ou por práticas realizadas fora da escola.

Dentro desse contexto, se o esporte pode atribuir prerrogativas a quem o pratica, evidenciar uma maior relação com a atividade motriz de interesse pode ser salutar. Portanto, se, por um lado, os resultados são satisfatórios entre os escolares do ensino noturno, por outro, em relação aos discentes do ensino diurno, manifestam-se algumas preocupações, posto que esses últimos deveriam demonstrar níveis motivacionais mais

acentuados dada a idade mais jovem e as menores responsabilidades sociais quando comparados com jovens matriculados no ensino noturno. Em que pese, é obvio, o objetivo da escola não seja de formar atletas, entende-se que a disciplina de Educação Física tem a responsabilidade de incentivar os alunos a desenvolverem o gosto pelo se-movimentar. E o esporte, sem dúvida, é um mecanismo importante para tornar isso realidade. Nessa esteira, se a disciplina de Educação Física cumprir com esse desafio, os indivíduos manterão suas motivações elevadas para as diferentes atividades motrizes que desejarem praticar.

Por fim, em face da pesquisa aqui socializada, sugere-se que mais estudos sejam realizados aos moldes deste empreendimento, a fim de confrontar com os dados encontrados e visualizar se tais resultados são observados em outros contextos. Diante disso, poderia ser contemplada uma amostra maior de escolares, estendendo as análises também para o ensino fundamental. Além do mais, poderiam ser agregados dados sociodemográficos, bem como análises mais qualitativas com intuito de explorar mais a fundo as motivações esportivas dos alunos. Enfim, longe de esgotar a temática, espera-se que este estudo motive outras investigações.

Agradecimentos

Os autores agradecem à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo suporte financeiro aos bolsistas. Código de Financiamento 001.

Abstract

The motivation for the sports practice in students: implications between daytime and nighttime teaching.

This study aimed to investigate and compare sports motivation of students between nighttime and daytime education. A total of 222 high school students of both sexes from two public schools in the city of Guarapuava-PR participated in this research. The Sport Motivation Scale (SMS) questionnaire was used to verify sports motivation. After the collect, the data were tabulated and subjected to inferential statistical analysis as well as theoretical analysis through discussion with the specialized literature. The results showed that students who study at night have more satisfactory motivational levels when compared to students of daytime education, indicating, therefore, that nighttime study does not negatively interfere with sports practice.

KEYWORDS: Education; Physical Education; Nighttime Teaching; Sport Psychology.

Referências

1. Gehlen A. El hombre: su naturaleza y su lugar en el mundo. Salamanca: Ediciones Sígueme; 1987.
2. Elias N. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1994.
3. Elias N. O processo civilizador: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2011.
4. Stanford CB. Como nos tornamos humanos: um estudo da evolução da espécie humana. Rio de Janeiro: Elsevier; 2004.
5. Diamond J. Armas, germes e aço: os destinos das sociedades humanas. Rio de Janeiro: Record; 2010.
6. Wilson EO. A conquista social da Terra. São Paulo: Companhia das Letras; 2013.
7. Lima JDJ, Gaiké TM, Ayres-Peres L. Bipedalismo: uma breve revisão deste fator que distancia o ser humano dos demais primatas. *ScientiaTec*. 2017;4(3):213-22.
8. Bracht V. Sociologia crítica do esporte: uma introdução. Ijuí: Unijuí; 2005.
9. Marchi Junior W, Afonso GF. Globalização e esporte: apontamentos introdutórios para um debate. In: Ribeiro LC. Futebol e Globalização. Jundiaí: Fontoura, 2007.
10. Bourdieu P. “Como é possível ser esportivo?”. In: Bourdieu P. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero; 1983.
11. Bourdieu P. Sobre a televisão. Oeiras: Celta; 1997.
12. Cagigal JM. Deporte, pulso de nuestro tiempo. Madrid: Editora Nacional, Colección Cultura y Deporte; 1972.
13. Parlebas P. Problemas teóricos y crisis actual en la educación física. *Lec Edu Fís Dep*. Buenos Aires. 1997;2(7).
14. Guedes DP, Missaka MS. Sport participation motives of young Brazilian judo athletes. *Motriz*. 2015;21(1):84-91.
15. Oliveira VM, Silva TR, Brasil MR, Estevão BJ, Chumlhak Z, Silva SR. Nível de motivação e coordenação motora em escolares ingressantes em um projeto de futsal. *Rev Bras Futebol Futsal*. 2017;9(32):42-52.
16. Vignadelli LZ, Ronque ERV, Bueno MRO, Dib LRP, Serassuelo Junior H. Motives for sports practice in young soccer and volleyball athletes. *Rev Bras Cineantropom Desemp Hum*. 2018;20(6):585-597.
17. Costa ADJB, Gonçalves MP, Batista RPR, Nascimento Junior JRA. A motivação está associada às experiências esportivas de jovens praticantes de futsal? *Rev Bras Psicol Esporte*. 2019;9(3).
18. Grubertt GA, Cavazzotto T, Vaz Junior A, Mouad M, Dib LRP, Serassuelo Junior H, Dourado AC. Motives of participation in Paraná School Games of students-athletes in Brazil. *Cuad Psic Dep*. 2020;20(2):71-82.
19. Souza J. Educação física reflexiva – problemas, hipóteses e programa de pesquisa. *Movimento*. 2019;25:1-15.
20. Togni AC, Carvalho MJS. A escola pública noturna de ensino médio no Brasil. *Rev Ibero-Am Estud Educ*. 2007.
21. Souza SZ, Oliveira RP. Ensino médio noturno: democratização e diversidade. *Educ Rev*. 2008;30:53-72.
22. Lopes BEM. Evasão escolar no ensino médio noturno: mediações entre as políticas educacionais contemporâneas e as dinâmicas escolares [tese]. Uberlândia (MG): Universidade Federal de Uberlândia; 2017.
23. Vendramini CR, Marcassa LP, Titton M, Conde SF. Escola, trabalho e perspectiva de futuro de jovens estudantes. *Rev Ibero-Am Estud Educ*. 2017;12(4):2155-176.

24. Ferreira ECS, Oliveira NM. Evasão escolar no ensino médio: causas e consequências. *Sci Gen*. 2020;1(2):39-48.
25. Gil AC. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas; 2008.
26. Thomas, JR, Nelson JK, Silverman, SJ. Métodos de pesquisa em atividade física. Porto Alegre: Artmed; 2007.
27. Pelletier LG, Tuson KM, Fortier M, Vallerand RJ, Brière N, Blais MR. Toward a New Measure of Intrinsic Motivation, Extrinsic Motivation, and Amotivation in Sports: The Sport Motivation Scale (SMS). *J Sports Exerc Psychol*. 1995;17(1):35-53.
28. Costa VT, Albuquerque MR, Lopes MC, Noce F, Costa IT, Ferreira RM, Samulski DM. Validação da escala de motivação no esporte (SMS) no futebol para a língua portuguesa brasileira. *Rev Bras Educ Fís Esporte*. 2011;25(3):537-546.
29. Elias N, Dunning E. A busca da excitação: desporto e lazer no processo civilizacional. Lisboa: Edições 70; 2019.
30. Oliveira VM, Souza JA infância, o brincar e o jogar: reflexões a partir do referencial teórico de Norbert Elias. *Educ Rev*. 2018;34:1-22.
31. Scalon RM. A psicologia do esporte e a criança. Porto Alegre: EDIPUCRS; 2015.
32. Weinberg RS, Gould D. Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício. Porto Alegre: Artmed; 2017.
33. Machado AA, Gomes R. Psicologia do esporte: da escola à competição. Várzea Paulista: Fontoura; 2019.
34. Peixoto EM; Nakano TC. Psicologia do esporte e desenvolvimento humano. Maringá: Viseu; 2019.
35. Riddell MC, Iscoe KE. Physical activity, sport, and pediatric diabetes. *Pediatr Diabetes*. 2006;7(1):60-70.
36. Oliveira A, Monteiro Â, Jácome C, Afreixo V, Marques A. Effects of group sports on health-related physical fitness of overweight youth: a systematic review and meta-analysis. *Scand J Med Sci Sports*. 2016;27(6):604-11.
37. Oliveira FB, Batista SS, Brum RDO, Pernambuco CS. Efeitos da natação no pico de fluxo em crianças asmáticas. *Rev Investigación Actividades Acuáticas*. 2017;1(2):49-53.
38. Telford RM, Telford RD, Cochrane T, Cunningham RB, Olive LS, Davey R. The influence of sport club participation on physical activity, fitness and body fat during childhood and adolescence: the look longitudinal study. *J Sci Med Sport*. 2016;19(5): 400-06.
39. Luo, H, Galvão DA, Newton RU, Fairman CM, Taaffe DR. Sport medicine in the prevention and management of cancer. *Integr Cancer Ther*. 2019;18:1-14.
40. Beck U. Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Ed. 34; 2011.
41. Beck U. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: Giddens, A, Scott L, Beck U (org.). *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Editora da Unesp; 2012.
42. Giddens A. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: Giddens A, Scott L, Beck, U. (Org.). *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Editora da Unesp; 2012.
43. Cagigal JM. Cultura intelectual y cultura física. Buenos Aires: Editorial Kapeluz; 1979.
44. Ministério do Esporte. Diagnóstico nacional do esporte: o perfil do sujeito praticante ou não de esportes e atividades físicas da população brasileira [internet]. Brasília: 2016. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/diesporte/2.html>.
45. Deci EL, Ryan RM. The “what” and “why” of goal pursuits: human needs and the self determination of behaviour. *Psychol Inq*. 2000;11(4):227-268.
46. Coimbra DR, Gomes SS, Oliveira HZ, Rezende, RA, Castro D, Miranda R, Bara Filho MG. Características motivacionais de atletas brasileiros. *Motricidade*. 2013;9(4):64-72.
47. Vissoci JRN, Vieira LF, Oliveira LP, Vieira JLL. Motivação e atributos morais no esporte. *Rev Educ Fís*. 2008;19(2):173-182.
48. Constantino E, Costa LCA, Vieira LF. Motivação no contexto esportivo: em foco as condições socioeconômicas. *EFDeportes*. 2011; 15(154).
49. Balbinotti MAA, Juchem L, Barbosa MLL, Saldanha RP, Balbinotti CAA. Qual é o perfil motivacional característico de tenistas infanto-juvenis brasileiros? *Motriz*. 2012;18(4):28-34.
50. Deci EL, Ryan RM. *Intrinsic motivation and self-determination in human behavior*. New York: Plenum; 1985.
51. Ryan RM, Deci, EL. Active Human Nature: Self-Determination theory and the promotion and maintenance of sport, exercise, and health. In: Hagger MS, Chatzisarantis NLD. *Intrinsic motivation and self-determination in exercise and sport*. Human Kinetics; 2007.
52. Pelletier LG, Rocchi MA, Vallerand RJ, Deci EL, Ryan RM. Validation of the revised sport motivation scale (SMS-II). *Psychol Sport Exerc*. 2013;14(3):329-41.
53. Mizoguchi MV, Balbim GM, Vieira LF. Estilo parental, motivação e satisfação de atletas de beisebol: um estudo correlacional. *Rev Educ Fís*. 2013;24(2): 215-23.

54. Minuzzi T, Pandolfo KCM, Azambuja CR, Machado RR, Santos DL. Motivação de atletas escolares dos VII Jogos da Amizade: um estudo com o Colégio Militar de Santa Maria, RS. *Cinergis*. 2015;16(2).
55. Murcia JA, Gimeno E, Coll D. Analizando la motivacion en el deporte: un estudio a través de la teoria de la autodeterminación. *Apunts*. 2007;25(1):35-51.
56. Martínez R, Molinero O, Jiménez R, Salguero A, Tuero C, Márquez S. La motivación para la práctica en la iniciación al fútbol: influencia de la edad/categoría competitiva, el tiempo de entrenamiento y la relación con el entrenador. *Apunts*. 2008;93(3):46-54.
57. Januário N, Colaço C, Rosado A, Ferreira V, Gil R. Motivação para a prática desportiva nos alunos do ensino básico e secundário: Influência do género, idade e nível de escolaridade. *Motricidade*. 2012;8(4):38-51.
58. Elias N. O processo civilizador: formação do Estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1993.

ENDEREÇO

Vinicius Machado de Oliveira
Universidade Estadual de Maringá - UEM
Programa de Pós-graduação Associado em Educação Física
Av. Colombo, nº 5790 - Zona 7
87020-90 - Maringá - PR - Brasil
E-mail: oliveira_vm@hotmail.com

Submetido: 03/08/2020
1ª. Revisão: 04/01/2022
2ª. Revisão: 13/06/2022
Aceito: 14/06/2022